

Humberto  
até 1A/10

OS CONSTRUTORES DE IMPERIO

ou

O SCHMURZ

peça em três atos de Boris Vian

Tradução de Alfredo Mesquita

Personagens

O Pai	A mãe
O Schmurz	Zenobia, a filha
O Vizinho	Bilha, a criada

Esta peça foi levada pela primeira vez em Paris, no "Teatro Recamier", sob a direção de Jean Villar, a 22 de dezembro de 1959.

UM

A cena se passa numa sala sem particularidades, burguesmente mobiliada, tendo ao fundo um móvel antiquado. Mesa de jantar, cadeiras, janelas fechadas, portas levando aonde fôe necessário e, num canto uma escada que vem de baixo e sobe ao andar superior.

A cena está vazia antes, o mesmo depois de se levantar o pano. Da escada sobe som de vozes.

VOZ DO PAI (Impaciente) - Vamos, Ana, te apressa, mulher... Só mais cinco degraus... Vamos! (ouve-se um tropeção, depois um grito!) Bem te disse para não pôr a mão onde eu ponho os pés, Zenobia... Como você é teimosa! Bem feito, a culpa é sua...

VOZ DE ZENOBIA (gemendo) - Também porque há de ser sempre você que vai na frente?

VOZ DO PAI (aterrado) - Cala a Boca.  
(Ouve-se, vindo de fora, um ruído assustador e de natureza indefinida. Um ruído grave que rola sob pancadas agudas).

VOZ DE ZENOBIA

VOZ DO PAI

(calma) - Estou com medo...

- Depressa... Só um pouco mais de força.

(e surge na sala, munido de uma caixa de ferramentas e tábuas. Deixa-se cair sobre uma cadeira, se refaz e olha a volta. Nesse meio tempo, o resto da família também emerge: Zenobia, a filha, de 16 ou 17 anos. Ana, a mãe, entre 39 e 40. O Pai é um quiquagenário barbudo. Há, ainda, uma criada que se chama Bilha. E toda essa generação carrega uma porção de objetos: embrulhos, maletas. Num canto já se acha Schmurz, envolto em ataduras, enrolado em trapos. Um de seus braços está na tipóia, na outra mão segura uma bengala, manca, sangra, é feio de se ver, sempre encolhido no seu canto).

O PAI

- Temos quase aí, crianças. Um último esforço, vamos!

(da rua, quer dizer, pela janela, ouve-se, de novo, o ruído. Zenobia funga)

A MÃE

- Que é isso, meu bem? (Vai para acariciá-la, mas o pai não deixa).

O PAI

- Depressa! Uma mãozinha aqui. É o mais urgente! (precipita-se para a escada cuja descida começa a barrar com tábuas. A mãe corre a ajudá-lo; de passagem, vendo o Schmurz, pára, lança-lhe um olhar maldoso e dá de ombros). Segura a tábua enquanto eu procuro um prego.

(Remexe na caixa de ferramentas, onde encontra um prego). O que eu devia, era usar parafusos. Mas isso ia criar uma porção de problemas.

MÃE

- Que problemas?

PAI

- Em primeiro lugar, não tenho parafusos. Depois, não tenho chave de fenda. Em terceiro, nunca soube para que lado deve-se virar o parafuso.

MÃE

- Assim (mostra o lado errado)

PAI

- Não senhora; assim (mostra o lado certo. Na rua, o barulho aumenta, Zenobia grita, furiosa).

ZENOBIA

- Vamos, te apressa!

PAI

- Nem sei onde tenho a cabeça... e você ainda me faz perder tempo tagarelando (prega).

- MÃE - O que? Então ainda sou eu que te faz tagarelar?
- PAI - Não vamos brigar agora, meu bem (atira-se sobre ela, beijando-a com extraordinária violência) Uau! Se soubesse como você me inspira. (Ele volta para a tábua)
- ZENOBIA  
MÃE - Estou com fome.  
- Bilha, dê de comer a essa menina. (Durante esse tempo todo, a criada ocupou-se, pondo em ordem as coisas, evitando, porém, cuidadosamente, aproximar-se do "Schmurz").
- BILHA - Sim senhora. (a Zenobia). Quer ovos, leite, mingau, "iugurt", chocolate, "chanterli", café, sanduíches, geléia de abricó, uvas, frutas ou legumes?
- ZENOBIA  
BILHA - Não. Quero comer.  
- Bom. (apresenta-lhe um saco de biscoitos). Então coma, já que não quer nada. (Torna a passar pelo Schmurz, afastando-se dele. O Pai larga o martelo e levanta-se).
- PAI - Uff! Pronto. Agora, sim, vamos poder parar um pouco. (espreguiça-se)
- MÃE - O couro não vai custar caro este ano.
- PAI - Que está dizendo?
- MÃE - Digo que "o couro não vai custar caro este ano". Os bezerrões se espicham. É um velho provérbio normando. Você devia conhecer.
- PAI - E por que devia conhecer?
- MÃE - Então já não se lembra que foi agrimensor na Normandia? Um tempo... dantes...
- PAI - Não... esqueci...
- MÃE - Em Arromanches...
- PAI - Ah! É? (coça a barba). Estranho. (Vai ao Schmurz, dá-lhe umas boas bofetadas, volta, depois, sempre pensativo). O que você acaba de dizer me deixa perplexo!
- MÃE - Por que?
- PAI - Perplexo! É só. Esqueci completamente! (Bate as mãos)-Então Bilha, e essa arrumação? É para hoje? (Inspecciona à sua volta) Agradável isto aqui. (A Mãe dirige-se ao Schmurz, dando-lhe uns pontapés).

ZENOBIA

(reparando no móvel) - Que horror!

PAI

- Como? Não está satisfeita?

ZENOBIA

- Até quando isto vai continuar? Quantas vezes ainda vamos ser obrigados a nos precipitar assim, de noite, deixando a metade de nossas coisas para traz? Os lugares que conhecemos, o sol, as árvores...

PAI

- Pois ouça, ainda temos muita sorte. Olhe só essa escada...

MÃE

- Não tem nada de extraordinário, ora. Quem tem razão é a nossa filha.

PAI

- Pois eu não a acho nada má... Uma escada dessas, mesmo na escuridão, a gente pode subir facilmente... (Experimenta à toda, depois torna a descer).

MÃE

- Preferia a outra... a de antes...

PAI

- Devem ser idênticas (Limpa as mãos)

ZENOBIA

- Como pode ter tamanha má fé? Em baixo, eu tinha o meu quarto...

PAI

- Como? Em baixo tínhamos três cômodos apenas, como aqui. Você dormia no escritório.

ZENOBIA

- Não é isso. Não falo de ontem... Quero dizer, em baixo, lá em baixo, muito antes...

PAI

(à Mãe) - Então ela tinha mesmo um quarto só para ela?

MÃE

- Não me lembro bem. (à Zenobia) Tinha?

ZENOBIA

- Tinha. Tinha o meu quarto, sim senhor, ao lado do seu, em frente à saleta.

MÃE

- Que saleta?

ZENOBIA

- A saleta vermelha, com poltronas vermelhas e o espelho de Veneza, as cortinas, tão bonitas, de seda vermelha. O tapete vermelho e o lustre dourado.

MÃE

- Zenobia! Você tem certeza do que está dizendo?

ZENOBIA =

- Certíssima!

PAI

- Pois eu não me lembro de nada disso. Logo, como é que você, uma criança...

ZENOBIA

- Por isso mesmo. São os moços que se lembram. Os velhos esquecem tudo.

PAI

- Zenobia. Mais respeito para com seus pais.

- ZENOBIA - Eram seis cômodos! Puxa, que trabalhadeira!
- ZENOBIA - Até a Bilha tinha o quarto dela. E ele não estava lá.
- PAI - le quem? Quem não estava lá?
- ZENOBIA - Ele. (Aponta para o Schmurz, imóvel. Um longo silêncio)
- MÃE (atenta) - Zenobia, minha filhinha, a quem você está se referindo?
- PAI - Você devia descansar um pouco, Zenobia, minha filha. (Nesse meio tempo, Bilha saiu de cena. Os pais aproximam-se de Zenobia).
- MÃE - Você bem vê que não há ninguém aqui, meu bem. (Aproxima-se do Schmurz dando-lhe umas bordoadas) Bem vê... (ofega).
- ZENOBIA (descontrolada) - Tínhamos seis peças... e vivíamos sós... Árvores em frente das nossas janelas...
- PAI (dando de ombros) Árvores... (Aproxima-se do Schmurz, dá-lhe uns murros) árvores... (limpa a mão)
- ZENOBIA - Toillettes branquinhas...
- BILHA (entrando) - Patrão...
- PAI - Que mais?
- BILHA - Aqui só tem duas peças, onde é que eu vou dormir?
- PAI - Muito bem... Eu, minha senhora e minha filha, vamos nos instalar aí ao lado... e você... você dorme aqui.
- BILHA (decidida e fria) Não.
- PAI (rindo atrapalhado) - Não. Ela não quer, viu só? Pois bem... a am.
- MÃE (ao pai) Você fará um biombo aqui, meu bem. (à Bilha, dura) Aceita ou não aceita?
- BILHA (dando de ombros) Se o patrão fizer um biombo... (vai ao Schmurz dando-lhe uns safanões sem grande convicção) Com um biombo, eu posso dormir aqui.... (Torna a dar de ombros e sai levando um utensílio qualquer. Silêncio)
- ZENOBIA - Ouviram? Só há duas peças mesmo. Tinha certeza.
- (O Pai sentou-se, e, pela primeira vez, parece um tanto sem jeito).

- PAI - Dois cômodos... já é alguma coisa... há quem viva mais apertado...
- ZENOBIA (assustada) - Mas afinal de contas, porque... porque?
- MÃE - Por que, o que?
- ZENOBIA - Porque fugimos cada vez que se ouve esse ruído? (O Pai e a Mãe encolhem-se) O que é esse ruído? Diga! Diga, mãe...
- MÃE - Zenobinha, meu anjo louro, já repetimos cem vezes que não se faz essa pergunta.
- PAI (evasivo) - Não se sabe ao certo o que é. Aí está. Se soubéssemos, diríamos.
- ZENOBIA - Em geral você sabe tudo.
- PAI - Pois é, em geral sei mesmo. Mas, justamente, neste caso, trata-se de circunstância excepcional. E depois, em geral, as coisas que eu sei são, antes de mais nada, coisas que têm importância real... não são simples miragens...
- ZENOBIA - Então esse barulho não tem importância real?
- PAI - Não. No fundo, não.
- MÃE - É uma imagem.
- PAI - Um símbolo.
- MÃE - Uma indicação.
- PAI - Um aviso. Mas é preciso não confundir a imagem, o sinal, o símbolo, a indicação e o aviso, com a coisa propriamente dita. A coisa em si. Seria um erro grave, Gravíssimo!
- MÃE - Uma confusão.
- PAI - Você, aí, não se intrometa na discussão. Afinal de contas essa garota é sua filha.
- ZENOBIA - Mas se esse barulho não tem importância real porque fugimos?
- PAI - É mais prudente.
- ZENOBIA - Mais prudente, mesmo se acabamos de abandonar um apartamento de seis peças, onde vivíamos só nós, por este de duas? (Olha para Schmurz)
- PAI - Prudência antes de tudo. (Va- ao Schmurz, cospe nele e volta).
- ZENOBIA - Tinha o meu quarto, um "pick-up", discos. Não tenho mais nada. Preciso recomeçar do zero.

- PAI - De zero! Veja: esse móvel aí, por exemplo, é mais do que razoável.
- MÃE - Você não tem do que se queixar, minha filha, é sim. Pense um pouco nos outros, também.
- ZENOBIA - Que outros?
- MÃE - Há mais infelizes do que você.
- PAI - Do que nós. (satisfeito) Pois é. Duas peças, hoje em dia não é tão pouco assim, ouviram?
- MÃE (declamando) - "Ouviram do Ipiranga as margens plácidas!" (Interrompendo-se) Não, não é isso.
- PAI - Começou tão bem. Porque parou?
- MÃE - O cansaço...
- PAI - Pois eu estou bem contente com essa escada aí. (Vai a ela, apalpa-a) Madeira de Lei.
- MÃE - Qual! Pinho envernizado como se fosse madeira de lei.
- PAI - Pinho nada... embuia, talvez, se prefere, mas pinho é que não é... É uma madeira por demais... quer dizer... para ser pinho.
- MÃE - Onde ficará a cozinha?
- PAI - (apontando uma porta) Deve ser ali.
- ZENOBIA (recomeça como uma vaga melodia) - Lá em baixo eu tinha o meu quarto, todo azul, como para um menino. No centro, uma escrivaninha, na gaveta da direita meu álbum de retratos de artistas, em baixo, meus cadernos e, na estante, meus livros. Depois, pela janela, eu via as árvores verdinhas com o sol passando sempre entre as folhas. Os anos tinham, então, doze meses de maio, meses de maio, com trinta e um domingos, domingos, domingos que cheiravam a cêra fresca e a bombons de chocolate. Minha cama era coberta por uma colcha de renda feita à máquina mas bonita assim mesmo - que tinha sido mergulhada no chá para ficar cor de café. Nas noites de domingo eu costumava dançar.
- MÃE - Na sua idade, benzinho, não se vive de recordações... (Ela vagueia pela cena. O Pai abriu as portas, armários, o móvel do fundo, dando de tempos em tempos um "côque" no Schmurz).

- PAI - Ah! Aqui está a porta do hall, assim designada, porque é onde ela vai dar?
- ZENOBIA - Dá o que?
- PAI - Não tome tudo ao pé da letra, Zenobia, você, assim, até me faz perder o pé.
- ZENOBIA (murmura) - Ao pé da letra. (E dá de ombros)
- PAI - Zenobia, minha filha, você devia ir fazer as suas lições, vã. (O Pai sai para inspecionar a entrada. Vê-se que perscruta à porta do apartamento fronteiro. Volta, enquanto Zenobia vagueia, distraída). O vizinho parece ser um senhor muito respeitável.
- MÃE - Você já viu?
- PAI - Não. Vi o nome na lista de inquilinos.
- MÃE - Lista não é documento. Você mesmo o vive repetindo.
- PAI - É um Conselheiro.
- MÃE - Isso pode nos ser muito útil (Bilha entra)
- BILHA - Que é que eu faço pro almoço?
- ZENOBIA - Pro almoço ou pra nós?
- BILHA - O que é que eu vou cozinhar?
- MÃE - Podíamos comer frios...
- ZENOBIA - Comer quem?
- PAI - Comer o que?
- BILHA - Vitelo, sopa de nabo, semolina, pescada, cenouras ou iscas com elas ou sem elas? Ou então enguias, salame, picadinho, cabeça de porco "vinagrête", roupa-velha ou lulas?
- MÃE - Antes de mais nada, que é que nos resta?
- BILHA - Macarrão.
- PAI - Não quero macarrão. Afinal de contas, depois de uma noite como a que passamos!...
- MÃE - Faça macarrão mesmo, já que não há outra coisa.
- BILHA - Se há pra que fazer?
- MÃE - Vã cozinhar, ande.
- BILHA - Bom. (Sai para a cozinha)
- PAI - Gostaria de saber que conselhos ele pode dar.
- MÃE - Quem? (Vai dar no Schmurz)
- PAI (Pai cai sobre uma poltrona e acende o cachimbo)  
- O vizinho, ora.

- MÃE - Ah! O Conselheiro.
- ZENOBIA - Mãe, posso ligar o rádio, mãe?
- MÃE (ao Pai) - Será que ela pode ligar o rádio?
- PAI - O rádio (coça a cabeça) Onde está? Eu o tinha embrulhado na manta de xadrez amarelo. Foi você quem trouxe?
- MÃE - Não... eu não... Eu carreguei: a maleta preta velha, o saco de roupa suja e os mantimentos.
- PAI - Eu a cesta de vime, a caixa de ferramentas, as tábuas... (Chama Bilha) - Bilha! (Bilha entra)
- MÃE - Não encontramos o rádio. Que é que você trazia quando viemos para cá?
- BILHA - A bacia, a bateria de cozinha, o quadro do primo, a maleta de ferro, o caixote das garrafas, o guarda-comida da copa, a caixa dos sapatos, o aspirador, meus trastes...
- PAI - E, naturalmente, esqueceu a manta amarela.
- BILHA - Ninguém disse para eu trazer, ora. (Vai dar no Schmurz). (A Mãe abana a cabeça).
- PAI - Pois bem, temos de passar sem o rádio.
- MÃE - Aliás, nunca ouvíamos rádio. (Zenobia sai) Zenobia ficou zangada.
- PAI - Por que?
- MÃE - Não sei, ora. (Silêncio)
- PAI - Acho que vou fazer uma visita ao vizinho.
- MÃE - Ótima idéia, vá mesmo. Já é uma ocupação. (Pega um trabalho, enquanto o Pai abre a porta, deixando-a aberta enquanto vai bater na porta em frente, que se abre. Entra. A porta torna a se fechar. (Silêncio. Zenobia volta).
- ZENOBIA (ameaçadora) - E, agora, que é que vai acontecer?
- MÃE - Deixe isso por conta de seu Pai.
- ZENOBIA - Vai ser igualzinho como dentes, eu sei, só que um pouco pior. Vamos viver um pouco mais apertados, vamos refazer os mesmos gestos de sempre, um pouco menos espontâneos apenas, os mesmos trabalhos, menos caprichados. As noites passarão, os dias serão iguais as noites e, de repente, ouviremos o Ruído. Subiremos a escada, esqueceremos alguma coisa. Daí então teremos uma peça só... com alguém dentro.

- MÃE (afetuosa) - Fique quieta, tolinha, não diga bo bagens.
- ZENOBIA - Mas eu, nisso tudo, que vai ser de mim?
- MÃE - Já te disse para deixar por conta de seu pai. Há uma porção de soluções possíveis.
- ZENOBIA - Então você mesma reconhece que há um problema?
- MÃE - Você assim me irrita, menina. Os filhos só de vem criar problemas para os pais quando estes o reconhecem como tais...
- ZENOBIA - Reconhecem o que? Os filhos ou os problemas?
- MÃE - E nós, graças a Deus, não temos problemas. (Levanta-se e rasga o Schmurz a golpe de tesoura). Não sei o que pode atormentar dessa maneira. ( O Pai volta, seguido pelo vizinho).
- PAI - Deixe-me apresentar-lhe a nossa filha. Ana, mi nha esposa, Zenobia, nossa filha.
- VIZINHO (inclinando-se ante Ana) - Minha senhora. (Beija-lhe a mão).
- PAI - Seu Garé.
- ZENOBIA - Há muito que nos conhecemos. (Silêncio). Ele morava bem em frente do nosso apartamento quando eu tinha o meu quarto com os meus discos.
- PAI (Pigarreando) Am... Pois é... Não preciso mostrar-lhe o apartamento já que o seu é igual ao nosso.
- ZENOBIA - Depois, quando subimos para o andar de cima, ainda era ele que morava em frente.
- PAI (Falando alto) - Como vê esse móvel não é inferior ao seu... (O vizinho olha para o Schmurz).
- VIZINHO (A meia voz) - Com efeito, são iguaizinhos.
- PAI (Alto) - Não é mesmo? Acho que todos esses môve is se equivalem. (O vizinho dá um pontapé no Schmurz).
- ZENOBIA - Depois, quando tivemos de subir mais um andar, ele também subiu.
- VIZINHO - Essa garota tem uma memória espantosa!
- PAI (Lisonjeado) - Não é mesmo?
- VIZINHO - Nem me diga, a mocidade de hoje é tão esquisi ta!
- PAI (intrigado) - Que quer dizer exatamente?

- VIZINHO - Digo que, antigamente, não é mesmo? a mocidade era bem diferente do que é hoje.
- MÃE (convencida) - É o que eu digo sempre.
- ZENOBIA - Antigamente a mocidade era diferente do que? Eram vocês a mocidade daquele tempo. E daí? Como querem comparar?
- VIZINHO (Ao Pai) - Pelo que se vê, sua filha, é uma menina de muita "opinião".
- PAI (Animadíssimo) - Viu só, Zenobia? Você deve compreender, meu bem, que sua comparação pode situar-se no tempo.
- ZENOBIA - Mas quem há de comparar então? Você é que não. Quer comparar com a sua mentalidade besta de agora, o garoto que foi naquele tempo com o broto ' que eu sou hoje?
- PAI - Não abuse, Zenobia, não abuse, veja lá!
- VIZINHO - No entanto, creio que sua filha tocou num ponto essencial: é o próprio problema do observador imparcial.
- ZENOBIA - Isto não existe?
- VIZINHO (se acomoda) - Eu estou curioso para conhecer ' seu ponto de vista.
- ZENOBIA - Se ele observa, ele não é imparcial. Ele já ' tem um objetivo. O de observar. Ou então ele observa distraidamente. E não é mais um bom observador.
- PAI - Claro que... am... pode ser imparcial por construção. (Vai dar no Schmurz e volta)
- ZENOBIA - E que o teria construído?
- VIZINHO - Sua educação pode ter sido tal que seja dotado de certa imparcialidade.
- ZENOBIA - Que educação? A educação dada pelos pais? (Ri' com desprezo) E quem julgará se recebeu ou não uma educação imparcial? Seus pais, parciais? Ou partidos?
- PAI (estourando) - É inadmissível! Cale já essa boca, vamos!
- ZENOBIA (muito calma) - Eu me calo, Pronto. (Cala-se. Silencio. O vizinho tamborila com os dedos nos joelhos. A mãe vai dar no Schmurz, que se colava um esparadrapo, que ela arranca e do qual tem, depois, dificuldade em se livrar!).

VIZINHO

- Sua filha é encantadora.

PAI

(Aliviado) - Até que enfim... concordamos. Era por aí que devíamos ter começado. Isso me facilita muito as coisas... Logo, continuo: (Muito fino): E seu filho, que vi há pouco de passagem, pareceu-me um repegão!

ZENOBIA

- Você já vai recomençar a querer que eu brinque com o filho dele? Já passei da idade.

PAI

(durão) - Basta! (Ao vizinho): Deve ser difícil manobrar um tal homenzarrão, hein? Ah! Ah!

VIZINHO

- Nem tanto, apesar dele já andar pelos dezoi - to anos.

ZENOBIA

- Anda como? A pó, a cavalo ou de patins?

MÃE

(ao vizinho) - Devia trazê-lo cá um dia destes. Seria uma verdadeira festa para a nossa filhi - nha.

ZENOBIA

- Se o Xavier quiser me ver não vai pedir licen - ça ao pai, ora. (Quando ela fala ninguém a ouve)

VIZINHO

- Agradeço o amável convite e estou certo que o Xavier vai ficar encantado por conhecer uma ' nova companheira como Zenobia.

PAI

(à mãe) - Em princípio, que é que eu devo dizer agora?

MÃE

- Espere aí... Ela não é mais tão criança como de última vez. Acho que deve... (fala-lhe ao ou - vido. O vizinho levantou-se e foi torcer, maldo - semente, um dos braços do Schmurz, voltando-se' depois a sentar-se).

PAI

- Tem razão.

MÃE

- Toda a intriga depende disso.

PAI

(Ao vizinho) Em que plano nos colocamos?

VIZINHO

- Na idade em que estão, acho que...

MÃE

(imperiosa ao pai) - Mas é claro. Léo, o amor...

PAI

- Certo. (Levanta-se e anuncia): Profissão de fé.

ZENOBIA

- Puxa vida! (Levanta-se e vai para a cozinha).

MÃE

(Ao vizinho) - Como ela é bem educada, não acha? é de uma tal discreção.

VIZINHO

- Acho-a encantadora e meu filho é um felizar - do!

PAI

- Um momento! (REcomeça): Profissão de fé! (Pausa) Não sou dessas personagens tirânicos como a natureza e os livros apresentam. Comumente, às expensas da cultura mundial e dos progressos da verdadeira civilização. (Enxuga a testa)

MÃE

(a meia voz) - Continue: nunca começou tão bem!  
(O Pai faz sinal que se cale e encadeia. O vizinho, em pose cerimoniosa, escuta, depois, pega um cinzeiro e atira na cabeça do Schmurz).

PAI

- Aliás, se dependesse só de mim, há muito que os falsos valores teriam desaparecido da face da terra, dando lugar a valores muit mais seguros, como sejam a moral, as idéias em marcha, o avanço das ciências físicas, a iluminação das ruas e o "empassocamento" dos resíduos podres duma demagogia cada vez mais titubeante à maneira...am... à maneira dos grandes construtores d'antanho que baseavam seu trabalho no sentido do dever e da causa comum...

VIZINHO

- Será que o senhor não estará perdendo, um pouco, o fio?

MÃE

(ao vizinho) - Está sim... Não sei como vai sair dessa...

PAI

(Tom natural) - Que caceteação! Temos todos a mesma impressão. que as palavras me arrastaram longe demais.

MÃE

- Lembre-se que se trata da nossa filha e do filho dele.

VIZINHO

- E de nada mais. A juventude deve ser o centro do interesse geral.

PAI

- Vou tentar voltar ao essencial. (Declamando) Que prazer assistir ao desabrochar dos brotos... (Pára).

MÃE

- Por que parou? Ia tão bem...

PAI

- Faltam-me adjetivos. (Entra Bilha).

BILHA

- Essa cozinha aí é nojenta, infecta, suja, imunda, sórdida, nauseabunda, fedorenta, pulguenta, leprosa, o fim, a pior, a última, e assim por diante (Um tempo depois, furiosa) No entanto, é pra lá que eu vou voltar. (Sai).

MÃE

(Ao Pai) - Na cabeça!

PAI

- E daí? É fácil encontrar adjetivos depreciativos, mas os brotos... vamos, continue. Eu te ' passo o pinico.

MÃE

- Os brotinhos verdejantes...

PAI

- Verdejantes, não, é pesado demais. Gostaria ' de evocar o tenro verde-gaio das folhinhas mimo sas das noqueiras, ou essa tonalidade esvaecente que descamba para tilia e que se tinge, na frágil aste de toda uma gama de tonalidades chegando ao pistache: essa nuance sutil que faz ' com que o nosso coração estremeça ao passearmos em plena primavera, por uma alamêda cheia de merda...

MÃE

- Oh! Léo!

PAI

(furioso) - Que é que você quer? É a pura verdade? Esses porcalhões costumam se agachar nos lugares mais postiços e pitorescos! Porque, arre também, porque? (Quase grita).

MÃE

- Acalme-se.

PAI

(Calmo) - Tem razão. (Declama) Que alegria para nós, ver as duas jovens cabecinhas ternamente ' enlaçadas... quer dizer... enlaçadas pelas orelhas.

MÃE

- Cuidado, Léo, você tornou a se perder!

PAI

- Não senhora, eu disse duas jovens cabeças enlaçadas e é preciso que elas se enlacem por meio de alguma coisa...

MÃE

- Pelos braços.

PAI

- Cabeça não tem braço.

VIZINHO

- Saiba, minha cara senhora, que o que é abstrato não tem braços. A Agricultura, por exemplo.

MÃE

- O que?

VIZINHO

- Há sempre falta de braço para a Agricultura!

MÃE

- Ah! Sei. E a Venus de Milo, também será abstrata?

(O Pai distraído e meditabundo, vai bater no Schmurz e volta).

PAI

- Acho que tornamos a nos desgarrar. (À Mãe) Faço o pedido?

MÃE

- Não. Não se precipite... e, depois, é ele quem deve fazer o pedido. É o pai do moço que deve pedir a mão da moça.

(Zenobia volta, comendo um sanduíche).

ZENOBIA

- A cozinha está imunda. E vocês continua, bancando os palhaços?

MÃE

(Ao vizinho) - Minha filha é muito atrevidinha, mas eu sou moderna e acho que a mocidade de hoje deve usar da linguagem da sua época - deles - o senhor não acha?

VIZINHO

- Acho.

(O Schmurz desaba. O Pai olha para ele, vai à cozinha, de onde traz uma caneca d'água que esvaízia sobre sua cabeça. O Schmurz torna a se levantar com dificuldade. O Pai dá-lhe uns pontapés bem dados enquanto a Mãe continua).

MÃE

- Assim como sou partidária - ou partisante ou partidista - é isso - sou partidista de sermos muito severos com as criancinhas para lhes ensinar logo de cara que esta vida não é, assim, um verdadeiro mar de rosas.

ZENOBIA

- Teoria, aliás, inepta. (Come com apetite).

VIZINHO

- Estou certo de que ela e o Xavier vão se entender às mil maravilhas!

(Visivelmente cheia, Zenobia senta-se numa cadeira, tira o sapato e começa a coçar o pé. Ouve-se vagamente, fora, o Ruído. Imediatamente o Pai, a Mãe e o vizinho levantam-se. Bilha entra. Só o Schmurz não se imobiliza. Aterrorizada, Zenobia para de coçar. O Ruído cessa. Todos, menos o Schmurz, parecem aliviados).

MÃE

- Tenho uma vaga impressão de que não teremos tempo de nos habituar a esta deliciosa morada.

BILHA

- Paro ou continuo a lavar, esfregar, ensaboar, água, coarar, limpar, encerer, enxugar, raspar, desempoeirar, varrer, fazer brilhar e rebrilhar?

MÃE

- Continue, continue, é claro.

PAI

- Estamos instalados aqui por algum tempo... Assim, aproximadamente por... pelo menos por... por um certo tempo...

VIZINHO

- Tenho a mesma impressão. Mas talvez fosse mais sensato voltar ao meu apartamento e verificar a coisa no meu livro-caixa.

PAI

(Acompanhando-o até a porta, que abre) - Não há pressa. (Empurra-o para fora). Até logo. (Fecha a porta). Uf! Que cacete, arre!

MÃE

- Nem me diga! Mas sabe? que a nossa filha tem razão. Parece que conhecia esse cara não sei de onde.

PAI

(sem ouvir) - Em todo caso, é mesmo em família que a gente se sente melhor, mais à vontade. (Procura nos embrulhos e encontra um chicote. Tira o palitô e começa a chicotear o Schmurz com uma selvageria incrível).

MÃE

- É sobretudo aquela verruga que ele tem no nariz que me faz pensar te-lo visto em algum lugar. Mas onde e quando?

PAI

(Com voz natural) - É sim. Seus traços tem algo que não me é estranho.

MÃE

- De cotidiano.

PAI

- De banal mesmo.

ZENOBIA

(Sonhando) - Quando eu tinha meu quarto e meus discos, Xavier tinha um quarto igualzinho ao meu, do outro lado da área: a gente trocava de disco todo o tempo... Assim, cada um de nós, tinha o dobro de disco... O pai dele continua a ser o mesmo bestalhão de sempre. (Olha para o próprio pai e começa a gritar). Mas o que é que você tem com esse aí, hein? Deixe ele, vamos, deixe ele!

PAI

- (Voltando-se para ela, impassível) Em que pé estará o tal macarrão da Bilha?

MÃE

(Idem) É mesmo. Já devia estar pronto.

(acabrunhada, Zenobia vai para a cozinha)

PAI

(continua a chicotear um instante, depois para e, calmamente, esfrega as mãos, fazendo estalar as articulações). Quer que eu esvesie a maleta preta, Ana? Temos tempo antes que a Bilha ponha a mesa.

MÃE

- Ótimo, meu bem. Você me presta um grande serviço. Acho que os garfos estão bem no fundo. E não se esqueça do biombo, veja lá!

- PAI - Não, não. Vou fabricar um, assim que tirarem a mesa. (Esfrega as mãos. Olha à volta) Confesso ' que já me sinto perfeitamente em casa aqui, neste apartamento. (Dá um beijinho na mulher. Entram Bilha, com uma travessa fumegante de macarrão, e Zenobia com um pão e uma garrafa d'água. A Mãe arranja os pratos e talheres.)
- ZENOBIA (Que viu os pais beijando-se) - Não, mas francamente! Vocês já passaram da idade, que diabo!
- MÃE - Não há idade para fazer essas coisas quando a gente se gosta, (para o pai) Não é meu bem?
- ZENOBIA Então sou eu que já passei da idade de ver essas coisas. Agora, me dá nojo. (O Pai e a Mãe instalam-se à mesa).
- MÃE - Exagero.
- PAI - O amor não é ridículo, jamais!
- ZENOBIA - O Amor... Talvez. (Senta-se) Tou sem fome.
- BILHA - Olha que vai esfriar.
- PAI (servindo-se) Hum! Que cheiro bom!
- BILHA - Cheiro de macarrão.
- MÃE - Parece delicioso. Pode deixar a travessa, Bilhinha, nós nos servimos.
- (Bilha larga a travessa e sai, evitando o Schmurz. O Pai come sem prestar atenção a ela. Quando ela vai para entrar na cozinha, porém, ele chama).
- PAI - Bilha... não se esqueceu de nada?
- (Resignada, Bilha volta, pega o chicote e começa a fustigar o Schmurz).
- MÃE (comendo) - Excelente!
- (Zenobia, curvada sobre a mesa, apoia a cabeça nos braços, tapando os ouvidos enquanto os pais comem. O Pano começa a descer e Bilha, parando de bater, sai)
- PAI - Supimpa!
- MÃE - Ótimo!
- PAI - Suculento!
- MÃE - DELICIOSO!

## II ATO

MUDANÇA DE CENÁRIO : outra sala, mais vagabunda que a anterior. Mas mos acessórios, bagagens, embrulhos, etc... Menos portas. ( Duas: uma para o quarto, outra para a entrada, colocadas na mesma posição, que no ato anterior. Também a janela ocupa a mesma posição e a esca da tanto a que sobe, como a que desce). A sala não é um "living" mas uma espécie de depósito. Fogareiro sobre a mesa, bacia sobre outra, etc... Ao fundo, a porta de que já se falou, mais a outra que dá para o quarto em que dormem os pais e Bilha. Um sofá-cama escangalhado em que Zenóbia está deitada. Com um trapo velho o Schmurz, em pior estado que dantes, trata de seus ferimentos, sobretudo de uma das pernas, da qual espantará moscas, de vez em quando. Ao levantar se o pano, Zenóbia está deitada. Sentada a beira da cama, Bilha desmancha um pullover, fazendo um novelo com a lã.

ZENÓBIA - - Que dia é hoje?

BILHA - Segunda, sábado, terça, quinta, páscoa, pascoela, Natal, domingo do advento, domingo do supri -  
mento, domingo do cumprimento ou domingo nenhum.  
E pode também ser que seja Pentecostes.

ZENÓBIA - É o que eu digo sempre: o tempo custa a passar.

BILHA - É que não há lugar.

ZENÓBIA - Porque há gente demais, ou o que? Que é que impede que passe? Aliás, por onde é que passa? Pelo buraco de uma agulha? Na rua?

BILHA - Passou por aqui, deve passar por ali...

ZENÓBIA - Enquanto eles não estão aqui, dê-lhe um copo d'água.

BILHA ( Olhando-a impassível ) - O que?

ZENÓBIA ( Nostrando o Schmurz, com o queixo ) - Dê-lhe um copo d'água.

BILHA ( Voz inexpressiva ) A quem?

ZENÓBIA ( Silêncio. Ela dá de ombros e não insiste ) Me dê um copo d'água. ( Bilha encara-a hesitante ) Estou com sede, ouviu?

BILHA - Tem certeza que está com sede?

ZENÓBIA - Não queria dar a ele.

BILHA - De quem está falando?

ZENÓBIA ( Encara-a longamente e acaba por desviar o olhar )  
Porque é que eu fico sempre deitada?

- BILHA - Porque você não vai bem, Sua saúde vai mal. Você anda passando mal, meu bem. Você apresenta sintomas que prenunciam sérias desordens. O seu estado não parece nada satisfatório.
- ZENÓBIA - Estou doente, então?
- BILHA - Não é bem isso. Não se pode dizer que esteja doente.
- ZENÓBIA - Foi essa escada, Subimos depressa demais. (Olha a sua volta) E não se pode descer mais baixo do que estamos.
- BILHA - Não há mais cozinha.
- ZENÓBIA - E um quarto só, além desta peça. Como definir um lugar destes?
- BILHA - Impossível. Não tem nome. Podia se dizer um depósito, um galpão, um porão, um sótão, um antro, com cortiço, e outras coisas mais, sem falar em pulgueiro, apesar de pulgas não haver por aqui. Pelo menos espero que não.
- ZENÓBIA - E por que hei de estar doente?
- BILHA - Eu mesma não me sinto cem por cento. E mesmo em seu pai e sua mãe pode-se discernir certos pódmomos.
- ZENÓBIA - De que gênero?
- BILHA ( Dando de ombros ) Oh! Pódmomos de um gênero inquietante...
- ZENÓBIA - Além da idiotice integral que os caracteriza não há nada de especial nos velhos.
- BILHA ( Fixando-a ) - Nada?
- ZENÓBIA - ( Depois de um silêncio ) ~~Que~~ Que é que você vai fazer com essa lã?
- BILHA - Um pulóver, um colete e um suéter, um suadouro, um / tricô, uma camisola, uma camiseta, um trabalho de tricô.
- ZENÓBIA - Um paletozinho.
- BILHA - Não há lã que dê para um paletó. Este estava todo p<sup>o</sup>ido nos cotovelos. Logo, o próximo não terá mangas.
- ZENÓBIA - Um bolerinho.
- BILHA - Pode ser que nem tenha tempo de acabar...
- ZENÓBIA - Que será esse ruído, hein, Bilha?
- BILHA ( Virando a cabeça ) Que ruído?
- ZENÓBIA - O Ruído.

BILHA

- Há mil espécies de ruídos. Sem falar nos gritos dos animais... ( Zenobia a interrompe )

ZENOBIA

- Não... o Ruído... Cada vez que fugimos... cada vez que nos levantamos de noite para subir como / loucos, esquecendo tudo para trás, nos machucando. Por que não ficamos, uma vez, só uma vez...pra ver? Por que esse medo ... ridículo?

BILHA

- Ninguém tem medo... Sobee-se a escada, é só.

ZENOBIA

- Mas se ficássemos? Se tivéssemos ficado?

BILHA

- Ninguém fica.

ZENOBIA

- E agora, lá embaixo, que será que está acontecendo? Não se houve nada... Não se ouve nada...nunca... E se a gente escutasse? Se tornássemos a descer?

BILHA

- Você está com febre, bem. A sua tempera ura sobe. O calor aumenta. A agitação molecular cresce.

ZENOBIA

- Eu quero descer, eu.

( O Schmurz nexe-se um pouco, arrastando-se devagarinho em direção à escada. )

BILHA

- Seu pai tapou a escada.

ZENOBIA

- Eu desprezo as tábuas... Quero descer. Quero ver / quem mora aí em baixo agora. Quero descer até embaixo, até o meu antigo quarto, quando tocava música no meu " pick-up". ( Levanta-se, cambaleia um pouco, como estonteada. Bilha ampara-a )

BILHA

- Torne a se deitar, bem. Volte pra cama. Descanse. / Estenda-se. Acalme-se.

( Zenobia, dirige-se para a escada, vê o Schmurz encostado a ela, encolhido como um bicho e que lhe barra a passagem, Tem um gesto de desespero e apoia-se à mesa )

ZENOBIA

Me dá um copo d' água.

( Bilha levanta-se, enche um copo com a água do jarro que está na bacia, dá-lhe o copo sem olhar para ela e sai. Só, Zenobia pega o copo, aproxima-se do Schmurz e experimenta dar-lhe o copo. Com um gesto que mais / parece uma patada, o Schmurz faz voar o copo. A moça recua assustada, caindo sobre a cama em prantos, enquanto Bilha volta, pega o copo, enxuga e torna a por no seu lugar, evitando sempre olhar para Schmurz. Depois, vem a Zenobia e acaricia-lhe o ombro. )

- BILHA - Não chore.  
Zenobia levanta-se, assoa-se. A porta de entrada abre-se e a mãe entra seguida pelo pai. Têm ambos cara de circunstância. )
- MÃE - Coitado! Já é ter muito azar!
- PAI - Pois é... pensando bem, comparados a ele, não temos de que nos queixar.
- ZENOBIA - ( Sentou-se na cama. Bilha afasta-se, ocupando-se em arrumar a sala ) - Como vai o Xavier?
- MÃE - ouça, benzinho, afinal de contas você mal conhecia esse rapaz.
- PAI - Em suma, nós moramos aqui há dois dias penas, tal Xavier não passava de mera relação de vizinhança.
- MÃE - Você não pode sentir o que aconteceu como se fosse por exemplo, seu irmão.
- PAI - Seu sobrinho.
- MÃE - Seu primo.
- PAI - Seu filho
- MÃE - Ou mesmo seu noivo.
- ZENOBIA ( Fria ) - Xavier está morto?
- PAI Amor, infelizmente não se pode dizer que ainda haja muita esperança...
- MÃE - Pois é, esses coitados têm sofrido muito. Nós é que temos muita sorte. ( Olha à volta, esfrega as mãos para dar no Schmurz a volta. )
- ZENOBIA - Deixe estar que eles acabarão por se consolar. Todo o mundo se consola- até nós- ( Dá de ombros ) sem grande esforço.
- PAI - Nossa sorte é invejável, Zenobia, assevero; invejável.
- MÃE - ( Procura com os olhos, vai dar um tranco no Schmurz e volta ) - Não vejo o relógio.
- PAI - Ainda ontem embrulhei-o no saco de papel cinzento . Bilha... foi você quem trouxe?
- BILHA - Não ( Sai )
- PAI - Veja você: ela não está para conversas, hoje.
- MÃE - ( Ao pai Então? )
- PAI - Então o que?
- MÃE - O relógio?
- PAI - Deve ter ficado lá embaixo. ( Dá de ombros ) E não faz muita falta. A prova é que faz dois dias que /

- aqui estamos, e ninguém tinha dado pela sua ausência.
- MÃE - Deve ser três e meia, quatro horas.
- ZENOBIA - Se eu tivesse ainda o meu pick-up ou mesmo o meu rádio...
- MÃE - Como rádio? Se nunca tivemos um rádio, benzi - nho.
- ZENOBIA - Antes de morarmos aí embaixo ( gesto para o andar de baixo ) tínhamos um.
- PAI - Afianço que aí embaixo não tínhamos rádio nenhum. Um relógio, sim, concordo, rádio não.
- ZENOBIA - Eu disse: antes de morarmos aí embaixo. Se quisesse dizer aí embaixo eu teria dito: antes de morar aqui.
- MÃE - No entanto eu, que tenho boa memória, não me lembro de jeito nenhum de termos tido qualquer relação com ele. No entanto, como eu já disse, tenho boa memória. Por exemplo: basta fechar os olhos para evocar o aspecto aprumado e elegante de seu pai no dia em que me recebeu no altar.
- PAI ( À mãe ) Precisamos distrair essa menina, Ana. ( Alto ) Evidentemente nós mal conhecíamos esse tal Xavier. Por simples solidariedade humana, porém, ou ainda por mero espírito de boa vizirhança, compreendo que ela sinta uma certa tristeza pelo seu pensamento prematuro, tentando consolar-se à custa dessas insignificâncias.
- ZENOBIA ( Enfrentando-os ) É incrível como ainda se pode ser tão tagarela na sua idade. ( Pai vai beliscar o Schmurz, acabando por lhe pregar três bons pontos na barriga )
- MÃE - Você não sente mais do que isso, o desaparecimento do coitadinho de Xavier?
- ZENOBIA - Acho mas é que ele teve uma bruta sorte!
- MÃE - Sorte? Meu coelhinho, você não compreende. Nós é que temos um teto, o que comer, espaço suficiente...
- ZENOBIA - Cada vez mais reduzido.
- PAI - Mais reduzido? Pois o vizinho não tem mais do que nós.
- ZENOBIA - Tou ligando pro vizinho. Se é suficiente pra ele, sorte dele! O que não impede que, antigamente, tives

...

PAI

... se seis peças como nós.

- Seis peças!... Luxo Descabido!...

( A mãe vai dar no Schmurz )

ZENÓBIA

- E quantos andares ele fica acima de nós?

PAI

(.Sincero) - Não compreendo essa sua pergunta.

ZENÓBIA

- E se o ruído voltar?

MÃE

- Mas... que ruído? ( Ouve-se vagamente o ruído. Todos se imobilizam, menos o Schmurz que continua a se mecher um bocadinho ).

ZENÓBIA

( Pálida e de punho cerrado ) - E se o ruído voltar?

PAI

- Nós subimos. ( Vai apalpar a escada ).

ZENÓBIA

- E se não houver mais nada lá em cima?

PAI

- Esta escada leva a alguma coisa, não leva?

ZENÓBIA

( Paciente ) - Tá. Mas lá em cima só deve haver uma peça.

PAI

- Como pode saber, ora? Nada prova... Você não pode concluir, de uma mera mudança de andar, que no seguinte, haja menos espaço.

ZENÓBIA

- E se não houver mais escada quando tivermos subido mais um ponto?

PAI

- Se não houver mais escada, é que já não teremos necessidade dela e, por conseguinte, você não ouvirá mais esse seu célebre Ruído.

ZENÓBIA

- ( Desaminada ) Se é assim que você raciocina..

PAI

- Estou te achando meio esquisita, hoje, Zenóbia Sei de muita moça por ai que se sentiria feliz no seu lugar. ( Vai dar no Schmurz )

MÃE

- Você se esquece que a nossa bichinha anda um pouco febril, Léo. ( Vai acariciar Zenóbia que se afasta ).

ZENÓBIA

- Que é que vocês vão fazer agora?

PAI

- Como, o que vamos fazer? Que pergunta mais sem sentido. A brisa sopra. Precisamos continuar a viver.

MÃE

- Tenho a certeza que ela anda um tanto febril, pobrezinha. ( À Zenóbia ). Venha-se deitar meu bem.

( Zenóbia entrega os pontos. A mão deita-a e vai bater no Schmurz. Depois volta enquanto o pai folheia um livro, cantarolando. )

- ZENÓBIA - De que morreu Xavier?
- PAI - O que?
- ZENÓBIA - Xavier de que morreu?
- PAI - Ora... de tudo e de nada, você bem sabe como se morre quando se é moço...
- ZENÓBIA - Não sei, não senhor.
- PAI - Pois fique sabendo: Xavier fez umas imprudências que o pai não soube ou não quis impedir.
- ZENÓBIA - Ele, desceu a escada?
- PAI (Atrapalhado) - Não sei...
- ZENÓBIA - Negou-se a abandonar o andar de baixo?
- PAI - Já te disse que não sei, ora! O essencial é que esteja morto.
- ZENÓBIA - Ele deverter experimentado descer, se não não o tinha enterrado. Se tivesse ficado em baixo / ninguém ousaria ir buscar o corpo para enterrar
- PAI - Enterrar, enterrar... quer dizer, nós supomos que o tenham enterrado. Se estava morto, é a única coisa a fazer, afinal de contas.  
( Vai dar no Schmurz. A mãe sai, volta e está de novo ocupada com o seu trabalho).
- ZENÓBIA (Sonhando)
- PAI - E João, que fim terá levado?
- PAI - João? Que João? ( Parece sinceramente espantado).
- MÃE - De quem está falando Zenóbia?
- ZENÓBIA ( Sonhando ) - Quando morávamos no apartamento, que tinha quatro peças e um terracinho, mesmo ao lado, na outra metade do terracinho o filho do vizinho vinha as vezes brincar de avião. Chamava-se João. Dansava bem mesmo!
- MÃE - Zenóbia, meu pintinho, você está sonhando acordada.
- ZENÓBIA - Eu não sonho.
- MÃE - Ouça meu biju, você toma uma mãezinha por uma velha caduca... ( Ao pai) É preciso distrair essa menina, Léo, é preciso distrair essa menina!  
( Vai bater no Schmurz).

PAI

- ( Interrogando-se) Como? É verdade que os pais tanto quanto esteja nas suas possibilidades, tem por obrigação formar os filhos, dando-lhes uma educação tal que o contato com a vida real que os espera ao saírem do ninho paternal se dê de maneira doce e por assim dizer insensível. Mas terão eles também a obrigação de distraí-los? Comportando a educação filial as distrações?

MÃE

- Distrações culturais e educativas, Léo. É verdade que Xavier não era o único. Zenóbia deve estar pois, preparada para encontrar um outro companheirinho.

ZENÓBIA

- E eu e esse tal companheirinho onde vamos viver? Supondo-se, é claro, que eu o encontre.

MÃE

- Não tem importância.

PAI

- O problema se resolverá por si, mesmo.

ZENÓBIA

- Sarcástica) - Será o primeiro. Aliás, quem propõe o problema?

MÃE

- Pensando bem, estou certa que o exemplo é o melhor dos guias. No caso, o nosso exemplo.

PAI

- O nosso exemplo, é, de fato, exemplar. (À mãe) E se eu representasse em mímica, para essa menina a nossa primeira aventura, hein, que tal?

MÃE

- Ah! Meu b em! Você tem um talento para a mímica Mas fale também, fale. Não se limite a fazer mímica! Porque se privar de um modo de expressão em que é mestre absoluto?

PAI

( Anuncia) - Reconstituição. ( Começa a narrativa) Imagine-se uma bela manhã de primavera, a cidade em festa, as auriflamas a estalar ao vento e o / barulho dos veículos motorizados cobrindo o alegre rumor que sobe desse imenso formigueiro humano. Eu, como coração sacudido por descargas etétricas, contava as horas num velho abaque (?) chinês, herança de meu tio-avô, aquele que participara do saque seguido de massacre do Palácio de Verão, em Pequim. ( Interrompe-se e reflete) Onde terá ido parar aquele abaque? (À mãe) Você não o teria visto recentemente?

MÃE

- Creio que não. Mas de certo vamos encontra-lo ao botar as coisas em ordem.

PAI

- Não importa, ai estão os fatos tal qual se passaram.

ZENÓBIA

- Se passaram não podem mais estar aí, é claro. Os fatos de que você se lembra são de outra ordem.

MÃE

- Zenóbia, minha filha, tento distraí-la, logo / não me faça perder o fio.

ZENÓBIA

- ( Indiferente) Continue, continue. ( Sai)

MÃE

- Como ia dizendo, contava as horas e, como era bom matemático, o cálculo, não apresentava menor dificuldade para mim. Assim como toda uma série de cálculos, tal como, o da circunferência do / círculo, do número de grãos da areia contidos em um montão de areia, para cuja solução procede-se como para a soma das pilhas de bombas, e assim por diante. Os fornecedores sucediam-se na antecâmara da feliz noivinha, curvados ao peso de cestas de flores, de frutas e de roupas sujas que alguns, enganavam-se de porta, pensando em entrar na lavanderia vizinha. Mas tudo isso, eu conto / por ter ouvido contar, que ela estava na casa dos pais e eu na minha. Eu estava pronto, resplandescente, com um ar de saúde refulgindo à volta do meu rosto bem escanhado e, só com os meus pensamentos logo, verdadeiramente só - preparava-me para essas fusões dos estados civis da qual já se disse que.. am....

MÃE

- ( Refletindo) Quem será que disse?

PAI

- Mas continuemos: passo-te o pinico, como se costuma dizer.

MÃE

- Eu, pelo meu lado, tímida e enrubecida - apesar de meus pais, tendo mentalidade bastante moderna para a época, ter-me posto a par do que esse calhorda, uma vez a sés comigo pretendia fazer. Eu, dizia, tagarelava, rodeada pelas minhas queridas a miguinhas que tanto me invejavam - tagarelava sobre uma coisa e outra, versando, sobre os assuntos mais variados, apesar de, no fundo - e como toda va que se preza - pensar só naquilo que estava para me acontecer. A sociedade, porém, impede que se

... toque no assunto antes. A não ser que se trate de sociedades primitivas dignas, aliás, de lástima! Ai de nós ou ai deles! ( O pai volta depois de ter batido no Schmurz) Retome o fio, Léo, que esta vocação me deixa exausta. ( Continuam a dançar uma espécie de balé, mimando o casamento).

PAI

- Eu fervia, meu sangue borbulhava e, quando o sangue borbulha, a embolia não tarda. ( A mãe vai bater no Schmurz) Assim é que disse ao Primo Gautier - Jean Louis Gautier - que acabava de entrar e terminava aquele ano os seus estudos de Medicina: "Não acha que uma boa sangria me faria bem?" E ele se torceu. ( Ele se torce) - Eu também. Mas ele se ria tanto, que eu comecei a rir também. ( Para e friamente): Ah! Demos tanta risada!

MÃE

- Eu tinha vinte e dois anos.

PAI

( fazendo mímica) - Passemos sobre a cerimônia! A ceita por esposa esta deliciosa lourinha?" perguntou-me o Juíz de Paz. " Mas que pergunta, seu juiz Que faria o senhor no meu lugar?" " Nada, disse o juiz, sou pederasta."

MÃE

- Um tamanho homenzarrão! Que lástima.

PAI

- Azar dele. E o padre, por sua vez - Amen-se uns aos outros, vamos, aman-se!! O incenso de incensar defunto e Nosso Senhor, os corcinhas, os parabens tudo tão bem organizado! Levamos uns mil abraços.

MÃE

- Tanto assim?

PAI

- Talvez exagero um pouco, mas lembro-me perfeitamente dos abraços. Comoventes. Depois o "coque" / em casa dos sogros. ( Bilha aparece com um prato de frios). Empanturramo-nos.

MÃE

- Exagero...

PAI

- É sim, ficamos todos empachados! ( Tira o prato das mãos de Bilha e começa a comer. Bilha vai sair evitando o Schmurz. O Pai, porém, fazendo estalar os dedos, chama-a á ordem e ela vai dar no Schmurz) A Champanhota corria a rode...

MÃE

- O Espumante...

PAI

- Tem razão os seus pais não passavam de uns pão-duros!

- ( Zenóbia comendo sanduíches)
- ZENÓBIA - Acabou a novela?
- PAI - Deixo o resto a sua imaginação, filhinha, Nós dois, casados de dia, sós no nosso quartinho...
- ZENÓBIA - ( Cortando) - Nove meses depois eu nasci.
- MÃE - E fomos nos instalar em Arromanches, onde te ofereceram um ótimo emprego.
- PAI - Agrimensor. Um pouco no gênero da engenharia, mais prático.
- MÃE - E cá estamos... um casal sorridente, feliz e sempre unido apesar das adversidades. ( O bale acabou. Ambos encontram-se juntos ao Schmurz que cobrem os muros).
- ZENÓBIA - ( Com voz distimbrada)E nesse meio tempo, não aconteceu nada? ( Senta-se na cama).
- PAI - ( Voltando) Nesse meio tempo?
- ZENÓBIA - Depois de Arromanches.
- PAI - Abandonamos a aldeia pela grande cidade... E c continuamos a nossa vidinha de casal unido para melhor e para "peior". Ou para a média, que é o que sempre acontece, que o "peior" e o melhor são raros, como as situações extremas.
- ZENÓBIA - Tratando-se da distribuição da força, não creio que as situações extremas sejam assim tão raras. Acontecem todos os dias.
- MÃE - Eu, as vezes, me pergunto de quem você foi tirar esse seu caráter divagador?
- ZENÓBIA - De vocês, talvez, por contraste.
- MÃE - Por mais que me lembre de todos os membros da família não consigo atinar porque fenômeno você herdou essas particularidades e quem t'as legou.
- PAI - Se quiser podemos estudar metodicamente a família. Tudo que é método me interessa. Podíamos mesmo organizar uma árvore genealógica. Você me ajuda.
- ZENÓBIA - Deixa que ela cresça por si. Eu desisto.
- BILHA ( Entrando) - Ela desiste, entrega os pontos, se raspa, tira o corpo, dá o pira, ela já manjou, tá cheia, ela banca o Carlos Magno, em resumo, ela se desinteressa da conjuntura.
- PAI ( Vexado ) - Bilha! É de se saber porque você se intromete onde não é chamada.

BILHA

- E quem quer saber? ..

PAI

- Eu

BILHA

- Então não diga " é de se saber", diga " quero saber" por que se intromete", etc... Ou " Bilha é da sua conta?" ou " é seu problema?" ou " que tem de ver com isso?" mas seja direto e não use de alusões. Será que eu alugo, eu? ( Empunha um móvel qualquer que se põe a esfregar).

PAI

- Arre também! ( Furioso, vai tomar um copo d'á gua, enquanto a mãe, que não ouviu nada, escolhe no seu saco de trabalho uma agulha bem afiada e vai espetar o Schmurz). Eu não a pago para que discuta.

BILHA

- Tenho um trabalho a venda, vendo, ora. E pelo preço que o senhor paga não é roubado, não, juro! E depois do negócio fechado nada impede que o / vendedor e o comprador discutam, sobre tudo se não se trata de contrabando... como por ai. ( A tira o avental para o ar). Aliás fecho o negó - cio.

PAI

- Como, fecha o negócio?

BILHA

- Não quero mais vender, pronto. Vá comprar mais longe, ouviu? Ou, melhor sou eu que vou vender mais longe.

ZENÓBIA8

- Bilha... você vai embora mesmo?

BILHA

- Ouça, sabe da última? Esse seu pai ai é bes - ta demais! Onde e quando ele pensa que está?Sou eu a única que não arrisca nada aqui, sabe dis - so?

PAI

( Superior e sarcástico) - E poderia, por acaso explicar-me porque não arrisca nada aqui?

BILHA

- Porque vendo um trabalho muito procurado pe - los boas-vidas, pelos vadios, pelos malandros , pelos granfas, pelos coisa - a - toas, pelos i - núteis, pelos incapazes, pelos elementos super - fetatórios da sociedade, pela "leisure class" , como dizem os ingleses, e que toda espécie de bicho que abunda por ai. ( Põe um chapéu de pa lha na cabeça, pega uma sacola e sai, muito dig na, pela porta de entrada).

PAI

( Ultrajado ) - Com efeito! Não é que ela ousa me desacatar?

( Bilha volta, põe a sacola no chão e beija Zenóbia)

BILHA - Inté bem. E cuidado! ( Torna a pegar a sacola e sai).

PAI ( Imperioso) - Bilha! Veja bem: você se esqueceu de alguma coisa!

( Bilha dá a volta, fixa um instante o Schmurz e sacode a cabeça, negando).

BILHA - Não. Já manjei que não esqueci nada. ( Sai fechando a porta).

PAI ( ~sfregando as mãos) - Uff! Boa limpeza! Essa rapariga estava ficando cada vez mais atrevida. Estou satisfeitíssimo! ( Vai dar no Schmurz). Além disso é uma boa economia e, praticamente um quarto a mais para nós.

ZENÓBIA - Eu não durmo só aqui.

PAI - Bom, Bom. Então do, nosso lado, conosco.

ZENÓBIA - Também posso dormir só, ai do lado.

PAI ( Rindo) - Você tem cada idéia! O melhor quarto para a senhorita!

ZENÓBIA - Por que se tem filhos? Para lhes dar o pior / quarto?

PAI - Não se exalte assim Zenóbia, minha filha... Depois, nem sempre tem-se filhos por querer, ora...

ZENÓBIA ( Dura) - Se não se quer, é dar um jeito para não ter... ( Silêncio).

PAI - Am... (À mãe ) - Acho que ela cresceu demais, essa menina...

MÃE - Será que ainda podemos considerá-la como uma criança?

PAI - Diria antes que ela se aproxima a passos largos da idade adulta.

MÃE - Uma adolescente, mas já formada, e esclarecida.

PAI - Não seria nada de se estranhar que já estivesse casada.

( Vai bater no Schmurz).

MÃE - E se já fosse casada, não seria justo que se sacrificasse um pouco pelos velhos pais?

PAI - É preciso não esquecer: já estamos instalados no quarto ao lado.

- ( A mão vai à porta, mexe no trinco, a porta não se abre. E ela fica, de repente apavorada).
- MÃE ( Voz baixa e estrangulada) - Léo!
- PAI ( Espantado, volta enxugando as mãos) - Que é que você tem? Você me assustou.
- MÃE - Léo...a porta não se abre mais...
- PAI - Não diga isso! Deixei lá dentro a maleta preta e a minha máquina fotográfica. ( Vai à porta, tentando abri-la). Foi a Bilha que a fechou à chave ao sair... ( Ouve-se fora o ruído, longe ainda. Todos se imobilizam, menos o schmurz).
- ZENÓBIA ( Indiferente) - Bilha não se aproximou dessa porta ( O pai torna a experimentar sem conseguir, no entanto).
- PAI - Não está fechada à chave...o trinco está como que preso... soldado.
- ZENÓBIA ( Imitando Bilha) - Encrencando, imobilizado, inamovível, impossibilidade de mexer e, por assim dizer, impossível de se abrir. ( Estoura na risada e para de repente).
- PAI ( Vai à porta da entrada, tenta abri-la. Abre. Depois jovial): - Ah! Ah! Ah! Bem sabia que isto ainda funcionava...Fazemos mal em nos almar depressa demais...( de passagem , bate no Schmurz) Vai tudo bem... Sobra-nos um cômodo de boas dimensões e, felizmente, é deste lado que ficam o fogareiro e as toilette (Ri). Imaginem só se tivéssemos ficados trancafiados no outro quarto... (À Zenóbia) Que não tinha nada de mais... pode estar certa. Você ficará muito melhor aqui, conosco.
- ZENÓBIA - Nem há dúvida.
- PAI - O que não impede que eu me ache no dever de tomar diversas precauções...elementares, aliás.( Vai experimentar a solidez da escada). Am...Parece -me mais bamba do que ontem, não acha, Ana?
- MÃE - Não prestei atenção, Léo. Mas se você acha, meu querido, é porque está.
- ( O Pai toma e tenta várias vezes subir a escada).
- PAI - Não, Ainda funciona. ( Desce) Vamos nos organizar. Onde vamos fazer dormir esta menina?

ZENÓBIA

- No chão fico otimamente! ( Ocila um pouco, le-  
va à mão à cabeça e senta-se).

MÃE

- Não seja tolinha, Zenóbia, nós vamos instalar  
um cantinho muito confortável para você, minha  
filha. ( Ao pai) Léo... Tenho uma idéia: Talvez  
você pudesse pedir emprestado ao visinho a cama  
do Xavier

PAI

- Excelente sugestão! ( Esfrega as mãos) Apesar  
de que, evidentemente, me sinta um tanto cons-  
trangido, visto o luto tão recente da família.

MÃE

- O Xavier gostava tanto da nossa filha! ( Per-  
cebe que Zenóbia não parece muito bem). Que é  
que você tem, benzoquinha?

ZENÓBIA

- Nada... um pouco de dor de cabeça.  
( A mão aproxima-se, toma-lhe o pulso enquanto  
o pai, coça o queixo e olha a sua volta)

MÃE

- Não é nada. Um pouco de febre, talvez.

ZENÓBIA

- Eu queria umas laranjas...

MÃE

- Ouça. meu gatinho, você não tem mesmo juízo  
nessa sua cabecinha. Onde já se viu? Você sabe  
muito bem que guardamos laranjas para seu papai  
que precisa delas, que lhe fazem bem à saúde.

ZENÓBIA

- Eu sei...mas eu quero... assim mesmo.

MÃE

- Vamos, Zenóbia, pense um pouco na nossa atual  
situação. Nós temos algumas laranjas, apenas al-  
gumas e seu pai é um homem adulto , na força da  
idade, um homenzarrão. Seu pai é uma promessa ,  
apenas. É um indivíduo completo, acabado, que já  
deu provas de am...deu provas. Por outro lado ,  
você não passa de uma mocinha, quase uma crian-  
ça ainda...você é...digamos, um bilhete de lote-  
ria; Pode-se ter um palpite...mas há outras /  
"chances"... Quanto a mim, note bem, estou cer-  
ta de que você será, um dia alguém. Acho, porém  
que, por enquanto, entre a flor e a fruta, é  
mais certo escolher a fruta.

ZENÓBIA

- E papai é a fruta... Ah! Sei...

MÃE

- Uma simples comparação. Isso apenas, meu ben-  
zinho. Mas que me parece significativa. A flor  
deve-se sacrificar pela fruta.

- ZENÓBIA - Ah!
- PAI ( Saindo de sua meditação ) - Melhor seria que Zenóbia fosse em pessoa pedir a cama do Xavier, ao vizinho... A mim não me fica bem. Não creio que ele possa dizer não.
- MÃE - De certo ela não quer outra coisa, meu bem, e no fundo a cama é para ela mesma, não é? Não quer experimentar dar um pulinho até lá, minha fina pérola?
- ZENÓBIA (reação) - Claro... É perfeitamente normal... Cada um que livre da meada se puder.
- MÃE - Só assim, esta noite você terá uma boa cama - nha onde dormir sossegada.
- ZENÓBIA - É essencial... ( Ela se levanta )
- PAI - Aliás, o que é que se arrisca indo pedir essa cama ao vizinho? Nada. Se ele der, deu, e se não der...
- ZENÓBIA - Não deu.
- PAI - Certo, não há, pois, perigo.
- ZENÓBIA ( dirige-se à mesa - Você - o perigo - nunca viu, não é mesmo? Então como pode falar?
- PAI - Mas percebo, perfeitamente, quando existe. Você se acha, por acaso, mais capaz de enxergar-lo do que eu?
- ZENÓBIA (Olhando para o Schmurz) - Há muito tempo que eu enxergo...
- PAI - Em todo caso, você não vai ter medo do vizinho, vai? ( Ri e vai bater no Schmurz ).
- ZENÓBIA - Não, não tenho medo do vizinho... não... ( Vai à porta da entrada, que abre. Chega à porta em frente, bate e espera ).
- PAI ( Grita ) - Insiste um pouco... ele deve estar em casa... ( A mãe vai agredir o Schmurz, o pai pega um livro e senta-se Zenóbia bate, tenta virar o trinco do vizinho, volta, e fala da porta do apartamento paterno ).
- ZENÓBIA - A porta deles parece... bloqueada.

PAI

- Qual! Todos a bater, periquitinha... Você já é suficientemente crescida para fazer sozinha uma coisa tão simples...

( Zenóbia dá de ombros, volta a bater na porta do vizinho. O Ruído começa a ecoar muito longe. Ela hesita, quase larga o trinco. Devagarinho, depois avança a porta de entrada do apartamento paterno, bate e fecha. Vê-se um instante, Zenóbia que ia voltar, correndo. Tarde demais. Ela, de fora, bate na porta fechada. o ruído cresce. O pai e a mãe parece aterrada, mas imóvel. O pai largou o livro. O ruído decresce. A mãe vai à porta da entrada tentando abri-la. Desanima. O Schmurz parece gozar a cena. A mãe volta, senta-se na cama e maquinalmente, acaricia a coberta. As batidas de Zenóbia cessaram. Não há mais nada a não ser o silêncio)

PAI

- Acalme-se minha velha. Os filhos acabam sempre por deixar os pais ... É a vida... ( Vai bater no Schmurz).

IIIº ATO

Peça menor que os procedentes, amansardado. Janela praticável, de um azul luminoso e que deve dar a impressão de ficar muito alta. Porta barrada e chegada de uma escada pela qual vai emergir o pai. Escuro, nenhum conforto. Um colchão no chão. Mesa. espelho. Um Schmurz na penumbra. Não há escada que suba. O ruído, em plena ação, monótono e irritante. Uma vaga claridade vem da escada. Ouven-se ruídos, em baixo. Gritos indistintos da mãe, depois da voz do Pai vinda também de baixo. Ele sobe a escada, como no primeiro ato.

PAI

( voltando-se para baixo grita ) - O saco amarelo... não vá esquecer o saco amarelo, Ana! O triturador de legumes está dentro dele... ( Surge, puxa os pacotes com força, atira-os a sua frente. Torna a descer um pouco ): Ana! Ana! Venha! Apressa-se, vamos. Me dá o saco amarelo. ( enerva-se ) Qual o que! Você não arrisca nada. Me dá o saco amarelo, já disse! Temos muito tempo ainda ( Emerge, atira um saco para cima, torna a descer ): Agora a cesta de vime. ( Murmúrio indistinto da Mãe ). Tenho certeza! Está sobre a mesa de toilette, fui eu que a arranjou. ( Desce, pega a cesta, torna a subir ). Agora só falta o saco de roupa suja.

VOZ DA MÃE

- Acho, que não vou ter tempo.

PAI

- Como não tem tempo? Tem tempo, sim senhora! Que coisa! Quanta complicação por uma ninharia. ( Desce. Ouve-se um grito atroz da mãe ) Ana! Ana! Que foi que aconteceu? ( Sobee, prudentemente ). Mas é claro, meu bem, estou aqui... faça um esforçozinho...um esforçozinho só... Tornar a descer para te buscar? Mas que é isso, Ana? Não se faça de criança. Estou com as mãos cheias de pacotes. ( um segundo grito com um gemido ). Ana! Não me assuste a toa! Que brincadeira mais boba! Você já passou da idade! ( Recua, prudentemente, e começa a tirar as ferramentas e as tábuas para tapar e

... escada. Abaixa-se para ouvir melhor e, num tom um pouco inquieto, mais intrigado do que inquieto) Ana! ( a si mesmo) Enfim... não é possível. Será que ela não responde mais? ( Escuta e de repente, o Ruído para, ouve-se apenas um certo movimento, em baixo) Ana ! Não... não renponde mais... ( Pausa). Não se larga assim os outros, que coisa! Não está certo! ( a luz começa a entrar pela janela, indo iluminar o Schmurz em pé num canto do quarto. o Pai, com os pregos na boca, martelo na mão, acaba febrilmente de tapar a escada, monologando, picadinho. ). Isso não se faz: depois de vinte anos de casados... abandonar o marido desse jeito... As mulheres são todas iguais... incríveis ( Balança a cabeça) Incríveis! ( prega uma última tábua e, levanta-se) Pronto! Deve estar firme assim. ( De pé olha a sua volta. Um ligeiro susto ao ver o Schmurz): Vejamos!... Am... Simpático isto por aqui... ( Tateia as paredes) As paredes parecem firmes. ( levanta a cabeça ): Não há goteiras . ( Experimenta a porta, que não se abre) Não há porta...ou é como se não houvesse... quer dizer que, como eu suspeitava, não há mais razão para que haja... (passando, dá um ponta pé no Schmurz) O que é perfeitamente lógico. Qualquer um havia de reconhecer... E eu não sou qualquer um. Longe disso. ( Imobiliza-se). Quem sou eu? ( Declama): Recapitulação: Dupont Léo. Idade: quarenta e nove anos, bons dentes, vacinas, elegantemente, distribuidas pelos membros; altura: um metro e sessenta e cinco, quer dizer, mediana, são de corpo e espírito. Inteligência superior à mediana, creio eu. Raio de ação: um quarto mais do que suficiente para abrigar um homem... Am...um homem...só (silêncio). Um homem só. (Riinho) Pois é, um homem só. Ai está. ( pausa ). Pergunta: que faz um homem só na sua cela? Cela...A expressão parece-me um tanto forte. Há a-

...li uma janela, suficientemente, larga para dar passagem a um homem de corpulência normal...como eu... ( Vai a janela)permitindo-lhe ( Olha embaixo se vira e volta)quebrar as fuças ao cair de uns vinte e nove metros e tanto... ( Volta à janela ). Há um terracinho no qual poder-se-ia - caso,tenessemos uma certa falta de distrações, o que não é o caso - cultivar em vasos gerânios, ervilhas de cheiro ; bocas-de-leão, damas-da-noite, madressilvas, chaguinhas, camaradinhas, jasmims-do-cabo ... (Interrompendo-se): Esta maneira de enumerar, lembra-me, não sei porque,alguém... Quem? Eis a questão. Aliás, quando digo, cultivar e uma maneira de falar e, entre nós, esses vegetais cresceriam muito bem por si mesmos. ( Volta ao centro). Mas eu tinha feito uma pergunta,. Que faz o homem só no seu retiro? Am... Retiro. A palavra não me parece certa. Quer dizer certa é, é claro, ao considerarmos uma das suas acepções, aliás corrente: o eremita no seu retiro, o beneditino no seu retiro. Mas em retiro há também "retirada"... Escape ante o inimigo. Será que esta subida seria um escape? Um homem ( Vai bater no Schmurz) digno desse nome nunca foge. Éscape é bom para o gas-ra ("Espêra. Não.ri). Não... essa piada não me faz rir. Engraçado! Mas deve-se notar, incidentalmente, que " Bate-se" em retirada. Bate-se em / quem? No inimigo. Assim é que por uma estranha reviravolta...esta cela...este retiro...poderá ser a minha vitória sobre o inimigo. Que inimigo? ( pausa ) Eis o que é conveniente determinar. ( Silêncio longo enquanto se movimenta pelo quarto acabando por parar junto à cesta ) Eu não atingi a maturidade sem ter manifestado como todo o homem livre, minha ligação com esta entidade invisível, mas palpável, intangível mas, oh! quão surpreendente que se concorde em dar um nome à pátria ainda que ela leve um outro nome em línguas estrangeiras. Como mi

...nhas virtudes comuns me ajudaram, eu mesmo adquiri, a serviço de minha pátria, títulos reconhecidos por todos; discretamente manifestados por algumas florzinhas de ouro sobre a mancha do tecido áspero da minha jaqueta ( Ele se abaixa , vai abrir a cesta, se ajeita, se pergunta): O que me leva neste instante a tornar a vestir o meu uniforme de oficial - da - reserva? Eu sou / então uma besta para agir instintivamente? Não ( Ele se afasta da cesta ). Na base de cada um dos meus atos, há uma razão pensante, uma reserva racional, uma inteligência ativa e quase cibernética que é regida por uma lei acima de mim, o desinteresse. ( ele coça o queixo). Indubitavelmente o ruído é a causa de minha ascensão. E porque eu tornaria a vestir meu uniforme escutando um ruído? Ah! Se algum mensageiro tivesse entrado aqui, coberto de sangue e de lama seca portando uma mensagem negra e pesada, de uma significação amarga gritando "alerta" ou "às armas " e caindo heroicamente ao chão, certamente, nesse caso eu me sentiria, justificado por... ( dá chutinhos na valise). Mas vejamos primeiro o que aconteceu. Ouvi um ruído e subi. ( Vai dar no Schmurz). A situação é idêntica à de baixo, salvo alguns detalhes e eu sou completamente indiferente a detalhes materiais. Logo ( dominado pela evidência) logo ( dá no Schmurz) logo, desde que tudo é idêntico, é a fonte que devo procurar: o ruído é a causa de tudo. ( Zomba ) Fingi, em dado momento, não o ouvir quando, justamente começava a ecoar... Esse o termo... Pois é... a fachada... a fachada ante a família. (para) Minha família? Logo, eu, tinha uma família. ( "eflete ) Às vezes é como se eu me tivesse apossado das recordações de um outro. (Ri). De um outro... quando estou só. É impagável. Mas, voltando ao ruído, ninguém me tira da cabeça que se trata de um sinal. ( Interrompendo-se pensativo) Estava certo que era apenas a falta de verdadeira cal

!!! ma calma que não me deixava descobrir a fonte dos fundamentos das coisas. ( Com satisfação) Existe a prova disto! Eu sinto que estou no caminho de uma descoberta enorme ( um tempo) Um / sinal. Em primeiro lugar um sinal de alerta! O meu sinal de alerta. Esse o papel que ele representa para mim. E esse sinal, quem o faz ecoar ( pausa ) Suponhamos o problema resolvido. Dou o pira. ( pára ) Não... subo mais um andar. Bom E por quê? Porque ouço o sinal. É claro pois / que o sinal dirige-se contra o fato de eu ficar. Mas a quem o fato de eu ficar poderá atrapalhar? ( Dá no Schmurz ). É o que me pergunto e hei de me perguntar eternamente, Mas, o mundo é sempre assim. O sinal dirige-se contra a minha pessoa. Logo é agressivo. É um sinal de ataque. ( Volta à cesta ) Que queiram atacar um homem como eu, é o que me deixa estupefato. Uma coisa, porém, é certa; E quem diz defesa...( abaixa-se e tira da cesta uma farda que desdobra. Felizmente quanto á defesa, estou em condições... ( Alisa o uniforme ) Oficial de reserva...Talvez não seja / grande coisa, mas eles já terão no que pensar antes de... ( Começa a trocar a roupa pelo uniforme). Até que enfim vejo a situação com certa clareza. Atacam-me. Defendo-me. OÜ, pelo menos, preparo-me à defesa. ( ele observa ) Em razão da falta de saídas nesta peça, estou começando a crer / que os ataques são, de hoje em diante, objetivos. Se quisessem que eu fosse daqui já teriam me dado os meios. ( Pausa. Arranja o uniforme) Meu sabre. .. ( De outra mala tira o sabre que ajusta ) No momento certo, ponho o quepi, caso seja necessário, é claro. ( Pausa) Lembro-me. ( Pausa, mais / frio ): Não, não me lembro. Um homem da minha idade não vive no passado, pelo contrário; estou construindo o futuro. ( Aproxima-se do Schmurz silenciosamente, devagarinho. De repente, atira-se a ele, derrubando-o, e começa a estrangulá-lo, len-

tamente, falando em tom perfeitamente natural ). Acho que o que mais orna na janela são mesmo ervilhas de cheiro. Gosto do seu perfume. ( Levanta-se deixando o Schmurz inerte/ no ch<sup>ão</sup>, este porém, logo depois, recomeça a se mexer e a se levantar. Olha-se ) Ervilhas de cheiro que eu amassarei no momento certo, isto é, a grosso modo, assim que tiverem florido. Um aureio a que ama as flores pode parecer insólito. No entanto, amo as flores ( pausa ). Quererá isso dizer que não sou um guerreiro? ( Pausa. Empertiga-se ) Confissão: na realidade - é que momento melhor escolhido para captar a realidade, senão aquele em que o homem, isolado / pela força das coisas, se encontra diante da sua alma nua , que ele encara bem de frente, como um naturalista honesto/ que não hesita em observar as partes do seu vizinho para / ver, se por acaso, não seriam maiores que as suas - o que sem dúvida, não significa nada, mas o hábito de julgar de acordo com as aparências está ancorado no coração do homem. Na realidade, porém, apesar deste uniforme, sou, e nisso / não faço mais que manifestar um característico nacional , profundamente antimilitarista. ( Pausa ) Perdemos muitas vezes em vagas conjeturas sobre as razões que fazem eclodir no seio de um povo , o gosto e o desejo de usar farda. ( Zomba ) Ah! Ah! Ah! O motivo é, no entanto, simples. A razão de ser do militar é a guerra, é o inimigo. Um inimigo fardado é duplamente inimigo para um anti-militarista, porque um anti-militarista também tem sentimentos nacionais e procura tirar do inimigo sua nação. Ora, qual o melhor meio se este inimigo está fardado, senão lhe contrapor um outro/ militar? Decorre do que foi dito, que todo anti-militarista tem o dever de entrar no exército e assim fazendo, ele atinge três objetivos: inicialmente, ele irrita o militar inimigo; secundariamente ele ofende no seu próprio solo, o soldado de um outro exército, cuja beleza é um uniforme que é de testado entre outros diferentes uniformes; mas, ele se transforma além disso, em elemento de um exército que ele abomina e que, por isso, será um mau exército . Porque um exército / anti-militarista, traz nele mesmo seu câncer e não saberia / opor-se a um exército verdadeiro, composto de patriotas civis. ( Ele coça o queixo ) E o meu inimigo será civil? ( Pausa. Muda de tom. ) Faz-se mal consagrando a especulações puras um tempo que poderia ser aproveitado no exame de realidade

des tangíveis, audíveis, numa palavra, acessíveis aos órgãos da percepção. Que há momentos em que me pergunto se não estou mais é jogando com palavras. ( Pausa. Vai olhar pela janela ) E se as palavras fossem feitas justamente para isso? ( Pausa, depois anuncia ) : Volta à realidade ( Muda de tom ) Essa volta à realidade parece-me essencial. Acontece que tenho idéias gerais sobre tudo. Poderia mesmo - e nem todos são capazes de - emitir minhas opiniões sobre os maiores problemas humanos. ...mas não seria um engano? É os grandes problemas humanos não se impõem unicamente quando se vive em sociedade? ( Pausa )

Ora, eu estou só. Já havia dito isso antes. ( Volta-se, vê o Schmurz que se levantou e mudou de lugar, aproximando-se da janela. Tem uma espécie de sobressalto: tem-se a impressão de que compreende pela primeira vez que não se trata de um objeto apenas. E fala como para se defender ) Em todo caso, sempre tive/ a impressão de estar só ( Pausa ) Seria necessário uma evidência ... uma prova nítida de mudança para me levar a rever esta impressão próxima da certeza. Estaria eu certo ou errado, em recapitular antes de classificar... de ter posto a síntese antes da análise. ( Passa as mãos pelos olhos ) Vejo ( Passa as mãos pelas orelhas ) Ouço. ( Pára e anuncia ) Inventário ( Daqui por diante vai evitar o Schmurz cada vez mais, e, pelo contrário, o Schmurz vai segui-lo sempre mais atento ) Não há razão para que o mundo se estenda muito além destes muros que me circundam. O que é certo é que sou o centro ( Pergunta-se ) Farei a lista dos meus órgãos interiores?... Seria levar a análise longe demais ( Reflete ) e só conheço o meu interior por ouvir dizer e muito vagamente. É possível que meu coração faça circular meu sangue; se acontecesse porém, que o movimento do meu sangue fosse a causa real das batidas do coração?... ( Para ) Não, só o exterior / ( Vai ao espelho ) Com o auxílio deste utensílio progredirei mais depressa ( Olha-se no espelho e retoma o tom da narrativa ) Sempre me perguntei porque um homem é levado a querer orientar seu aspecto físico e, especialmente, deixar crescer a barba ( acaricia a minha barba ) Desejoso de responder esta pergunta deixei crescer a minha barba. E estou em condições de afirmar que motivo mesmo não existe. Deixei crescer a barba para ver porque se deixa crescer a barba e em resposta, só encontrei uma barba. A barba é a razão de ser da barba, aí está. ( Muda de tom ). Boa partida: não decididamente minhas faculdades mentais não sofreram modificação com a altitude. ( Curva-se levando a mão à testa ). Parece-me que

... antigamente, éramos alguns aqui... e que fa-  
 mos calozia menos calozia ( Abre o dolman do uniforme que  
 vai despir aos poucos ). Esta mansarda entriste-  
 ce-me. ( Muda de tom). Éramos vários. Eu, porém ,  
 conservava a maioria. Deixamos de ser vários e sin-  
 to a minha maioria esboroar-se. Paradoxo, não há  
 dúvida, paradoxo. ( Muda de tom. Mexe numa maleta)  
 Além do meu sabre eu tinha um revólver ( Desfaz-se  
 do sabre e do dolman). Eu preferia o revólver. ( A  
 cha o revólver, verifica-o ). É uma arma leve, fa-  
 cilmente manuseável e que deve permitir que eu re-  
 cupere as cadeiras perdidas. ( Pega o revólver. A-  
 ponta para vários objetos e, finalmente para o  
 schmurz, que não se mexe e continua a segui-lo com  
 os olhos até que ele abaixa o revólver). Comentava  
 a minha barba. Se cresce é que vive e se eu a ras-  
 po não gritará. Como uma planta. Logo minha barba  
 é uma planta. (Vai à janela) Chaguinhas em lugar  
 de ervilhas-de-cheiro? Poderia come-las como sala-  
 da. Harmoniosa combinação dos ossos, da carne e do  
 sistema capilar que reúne no homem o reino animal,  
 mineral e vegetal. (Reflete). Pode-se dizer o mesmo  
 de qualquer animal peludo) (Senta-se). Lembrando -  
 se apenas que o homem é pouco mais ou menos o úni-  
 co animal que não é um animal! ( De repente, levan-  
 ta o revólver e atira sobre o schmurz, que não se  
 mexe. Um tempo. Retoma com a voz um tanto trêmula)  
 Pelo que me lembro este revólver estava carregado  
 com pólvora seca, sem o que, evidentemente, eu não  
 teria a idéia de atirar nas paredes do meu quarto  
 arriscando ferir alguém. ( Vai começar a virar à  
 volta do schmurz como se este fosse eventualmente,  
 uma serpente hipnotizadora). Aqueles que se deixam  
 levar a praticar atos tão sem pé nem cabeça, não  
 merecem o título de "junco pensante", o " roseau  
 pensant", de Pascal. E, no entanto, ela gira. ( Vi-  
 sa a janela. Um vidro quebra-se com estardalhaço).  
 Pólvora seca... ( Olha o revólver. Atira-o fora). No  
 que me diz respeito, esse camarada pode ir pro dia

...bo que o carregue. É preciso tempo para se fazer um inventário e eu não tenho tempo. Tinha -o antigamente, num estojo sobre a lareira. ( Ajoelha-se colando o ouvido no chão. Ouve.) "evem ter esquecido de lhe dar corda ( Tirou a farda e está de ceroulas). Não tenho mais tempo. Nunca tive. (Pausa). A vida é um escândalo. ( Olha as pernas, coça a barba). Preciso me vestir. ( Vai remexer nas maletas, de onde tira um fraque). Aqui está uma indumentária que me lembra qualquer coisa. Uma cerimônia...(Abana a cabeça) Não...coisas que não me são de nenhuma ajuda. ( Larga o fraque e volta a vestir a roupa que usava a princípio). Não há dúvida: sinto-me muito melhor assim. ( Percebe um movimento do schmurz, afasta-se. Longa pausa ) O sentimento da solidão no adulto poderá desenvolver-se de outra forma que não ao simples contato com seus semelhantes? Não. Se assim fosse, este sentimento de solidão que sempre experimentei teria sido provocado, sem dúvida, por uma ou diversas pessoas hipotéticas que, talvez, me rodeassem Experimento todas essas hipóteses para facilitar as reflexões que me ocupam neste momento. ( Daqui por diante vai buscar nas bagagens diversos objetos que coloca junto ao Schmurz à guiza de oferendas). Se eu me senti só é que não estava só. Segue-se que, se continuo a me sentir só... ( Interrompe-se, vai à porta, tenta virar o trinco, não consegue e, de repente, dá-lhe murre num verdadeiro acesso de desespero). Não é verdade...Estou só...e sempre cumpri o meu dever...mais, muito / mais do que o meu dever. ( Pausa) Corremos todos a toda para o futuro e vamos tão depressa que o presente nos foge e a poeira levantada por essa / carreira sem sentido nos esconde o passado. De onde a expressão tão usada...am...de onde provém centenas de expressões que poderia citar so... ( Começa a arquejar. Pausa. Recomeça em tom muito diferente, com voz sumida). Não estou só...não estou só aqui. ( Longa pausa em que procura alguma coisa sem encontrar e sem tirar os olhos do schmurz

... O ruído começa, muito docemente, a se fazer ouvir. Primeiro muito, muito longe, aproximando se depois devagarinho, muito devagarinho). Fechar os olhos ante a evidência é método que nunca deu resultado. Um cego ainda vá... ( Interrompe-se). Não ouço nada. ( Mais alto). Não ouço nada ( Descobre, no embrulho amarelo o triturador de legumes. Pega e vira a manivela num gesto e - exausto). Naquele tempo restava-me pelo menos a esperança que uma futura geração lavaria a roupa suja dos mais velhos num triturador de legumes. ( Grita enquanto o ruído aumenta): Não ouço nada!!! ( Atira fora o triturador, olha as mãos ) : Estas mãos estão brancas ( Olha para a janela ) . Afinal de contas a idéia das chaguinhas não era tão má assim: acho porém que as bocas-de-leão podem oferecer um prazer mais elevado. Não são comestíveis, é verdade. Dominarei, pois, meus apetites. ( Urra): Juro! Hei de dominar meus apetites! ( Dá de ombros). Para avaliar melhor e melhor os saciar! ( Atira-se de joelhos e torna a urrar): Não ouço nada! ( O ruído para, de repente. ( O scmurz cai de encontro a parede, visivelmente morto. Ouve-se pancadas na porta. O pai / levanta-se). Prestar contas? Não tenho contas a prestar a ninguém! Sempre estive só. ( As pancadas fazem-se mais insistentes. Aproxima-se da janela. Escurece aos poucos.) As madresilvas não valem as chaguinhas...são, porém tão frescas tão naturais! ( Acentuam-se as pancadas na porta.Ele corre para a janela, abre, salta o peitoril). Sempre estive só...e não distingo nada na poeira do passado, nada. (Cambaleia, seu pé escorrega tenta agarrar-se à janela). E ela cobre as pessoas como capas...cobrem móveis...Eram móveis...móveis apenas...(As pancadas cessaram. O ruído recomeça muito perto agora. Ele tateia procurando um apoio para o pé). Eu não sabia...juro! Perdão... (Escorrega e cai gritando) Eu não sabia... 1

..... 45

...( O ruído invade a cena assim como a escuridão e, talvez a porta se abra e, talvez, por ela entrem sombras vagas, schmurz...).